

Análise do trauma psíquico na produção psicanalítica contemporânea

Analysis of psychic trauma in contemporary psychoanalytic production

Análisis del trauma psíquico en la producción psicoanalítica contemporánea

Recebido: 10/02/2022 | Revisado: 18/02/2022 | Aceito: 21/02/2022 | Publicado: 03/03/2022

Gabriel da Silva Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1494-0242>

Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: gabrielsantos260@gmail.com

Luís Antônio Gomes Lima

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9912-4315>

Universidade São Judas Tadeu, Brasil

E-mail: luisglima1@gmail.com

Resumo

O presente artigo buscou trabalhar a noção de trauma na formação psicanalítica contemporânea. O objetivo do artigo reside em explorar a complexidade teórica que permeia a concepção de trauma em psicanálise, sua repercussão no sofrimento e na história de vida do sujeito, e as formas de expressão do sofrimento psíquico na atualidade. Em Freud e Lacan temos formulações que fornecem o enquadre teórico para análise minuciosa da concepção de trauma. O material selecionado partiu de um levantamento bibliográfico na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e após a compilação dos textos utilizamos a análise de discurso de extração psicanalítica como leitura dos materiais. Verificamos as distintas concepções de trauma presente em relação à concepção de trauma na produção psicanalítica, destacando-se a relevância do fator externo nas pesquisas examinadas, como produtor de sofrimento psíquico, e a importância fundamental do lugar de escuta, propiciado pelo analista, para elaboração do trauma por parte do sujeito.

Palavras-chave: Trauma; Sofrimento psíquico; Contemporaneidade; Psicanálise; Psicologia social.

Abstract

This article sought to address the issue of trauma in its contemporary psychoanalytic education. The aim of the article is to explore the theoretical complexity that permeates the concept of trauma in psychoanalysis, its repercussions on the subject's suffering and life history, and the forms of expression of psychological suffering today. In Freud and Lacan we have formulations that provide the theoretical framework for a thorough analysis of the conception of trauma. The selected material started from a bibliographic survey at the Virtual Health Library (VHL) and after the compilation of the texts, we used psychoanalytical discourse analysis as reading of the materials. We verified the different conceptions of trauma present in relation to the conception of trauma in psychoanalytic production, highlighting the relevance of the external factor in the examined researches, as a producer of psychic suffering, and the fundamental importance of the listening place, provided by the analyst, for elaboration of trauma on the part of the subject.

Keywords: Trauma; Psychic suffering; Psychoanalysis; Social psychology; Contemporary.

Resumen

Este artículo buscó abordar el tema del trauma en su educación psicoanalítica contemporánea. El objetivo del artículo es explorar la complejidad teórica que impregna el concepto de trauma en el psicoanálisis, sus repercusiones en el sufrimiento y la historia de vida del sujeto y las formas de expresión del sufrimiento psicológico en la actualidad. En Freud y Lacan tenemos formulaciones que proporcionan el marco teórico para un análisis profundo de la concepción del trauma. El material seleccionado partió de una encuesta bibliográfica en la Biblioteca Virtual en Salud (BVS) y luego de la compilación de los textos, utilizamos el análisis psicoanalítico del discurso como lectura de los materiales. Verificamos las diferentes concepciones de trauma presentes en relación a la concepción de trauma en la producción psicoanalítica, destacando la relevancia del factor externo en las investigaciones examinadas, como productor de sufrimiento psíquico, y la importancia fundamental del lugar de escucha, provisto por la analista, para la elaboración del trauma por parte del sujeto.

Palabras clave: Trauma; Sufrimiento psíquico; Psicoanálisis; Psicología social; Contemporáneo.

1. Introdução

A origem etimológica da palavra “trauma” é grega e significa ferida, designando, notadamente, uma ferida com efração; já o traumatismo está mais relacionado às consequências, no organismo, de uma lesão resultante de violência externa. A palavra pode ser usada como sinônimo de trauma (Marcos & D’Alessandro, 2012). Segundo Laplanche e Pontalis (2016) “o trauma é um acontecimento da vida do sujeito que se define pela sua intensidade, cuja consequência se apresenta na incapacidade de reação adequada, por conta dos transtornos e efeitos patogênicos duradouros” (p. 522).

O autor Sagna (2015) demonstra a complexidade em definir com exatidão o conceito de trauma entre os exemplos acima descritos, uma vez que não podemos confundir trauma e neurose traumática, bem como é incerta a causa do trauma por acontecimentos externos ou pelo estado do sujeito que o enfrenta. Vale ainda ressaltar que os tipos de paciente que buscavam a psicanálise extrapolaram aquele das histerias, por ocasião do qual Freud estruturara seu método (Canavêz & Herzog, 2012).

Contudo, o trauma foi o ponto fundamental para a construção da psicanálise, pois foi a partir dele que Freud engendrou sua concepção das afecções psíquicas. Historicamente, ao percorrer a obra freudiana, podemos ver várias formulações sobre a essência e a natureza do trauma. (Barin et al., 2012). É relevante salientar que a gênese da psicanálise se dá no seio da modernidade, momento de substituição do discurso teológico, a saber, uma narrativa teocêntrica, conseqüentemente a noção de subjetividade passando a ser dominada pela razão, conduzida pela consciência do indivíduo. Nesse contexto, irrompem as figuras de Marx, Nietzsche e Freud, pensadores que interpelam a soberania da unidade da consciência que se engendra na modernidade, a respeito dos valores, da ciência e do sujeito produzidos pela modernidade (Torezan & Aguiar, 2011).

De acordo com Santoro (2014), entre as diversas teorias desenvolvidas por Freud, há duas relacionadas ao trauma. A primeira, descrita de 1892 a 1897, assinala que o trauma psíquico ou sua lembrança age como um corpo estranho, ou seja, estranho ao psiquismo. A segunda proposição é a reafirmação do caráter sexual dos traumas psíquicos, vivenciados precocemente pelo sujeito. Com base em sua releitura de Freud, o psicanalista francês Jacques Lacan entende que o trauma constituinte do ser humano é a linguagem, que preexiste a ele, marca seu corpo com significantes e determina sua posição e seu lugar. Não há eu no nascimento. O desejo dos pais antecipa um sujeito e lhe atribui suas próprias fantasias, base das futuras identificações (Santoro, 2014).

O sujeito, para a psicanálise, em especial após a produção teórica de Lacan, é aquele que se constitui na relação com o Outro, através da linguagem. É em referência a essa ordem simbólica que se pode falar em sujeito e subjetividade a partir de Freud (Torezan & Aguiar, 2011). Apesar de Lacan ter seguido o seu caminho teórico próprio, no seu campo de pesquisa conheceu e estudou o pensamento de Marx. Com efeito, Lacan colocou em destaque a famosa ruptura teórica de Marx com Hegel, a sua célebre inversão materialista contra o idealismo filosófico, que teria sido realizada em nome da questão da verdade. Lacan, portanto, interessou-se pelo discurso centrado em O Capital de Marx, justamente porque estava voltado para a problematização do registro do Real e para a inscrição da psicanálise no campo do materialismo, e apenas posteriormente esta interlocução se voltou para as questões do Real, do gozo e do capitalismo (Birman, 2011).

Safatle (2017), ao pensar esse sujeito e sua relação com o mundo, ele relata que o processo de socialização se dá pelo processo de identificação, e esse identificar-se é “fazer como”, ou seja, atuar a partir de tipos ideais que servem de modelo e de polo de orientação para os modos de desejar, julgar e agir. Em outras palavras, esse processo de internalização de modelos de ideias significa conformar-se a partir de um outro que serve de referência para o desenvolvimento do Eu. E para ser mais exato, é um processo de alienar-se, que significa ter sua essência, fora de si, ter seu modo de desejar e de pensar moldado pelo um outro.

Assim, pensando nesse sujeito capitalista no mundo contemporâneo e seu processo de alienação, os autores Neves, Santos e Mariz (2017) explicam

“...o discurso capitalista sustenta uma ideologia ‘sem mundo’, privando o sujeito de qualquer possibilidade de orientação quanto ao seu objeto de consumo. O capitalismo é a primeira ordem socioeconômica que destotaliza as redes de significação subjetiva, não sendo, portanto, universal no nível do significado. Não existe uma visão de mundo capitalista global, uma civilização capitalista. Talvez a maior lição da globalização é precisamente que o capitalismo pode se adaptar a qualquer civilização: cristãos, hindus, budistas, etc, do Ocidente ao Oriente (p. 49).

De acordo com os autores Dardot e Laval (2016) a nova norma social exige do sujeito muito além do conformismo, que ele produza e goze sempre mais. A máquina econômica, ela tem que mirar um "além", um "mais", que Marx identificou como "mais-valor". Assim aparece uma figura inédita de subjetivação, a "ultrassubjetivação", ou seja, um estado além de si. A busca incessante do sistema de vida capitalista em ampliar a produção torna todo bem potencialmente descartável, pois passamos a consumir muito mais do que o necessário para a manutenção da vida. E como resultado cria-se uma imensa demanda pelo supérfluo, quando qualquer objeto torna-se transitório e fugaz. E nesse processo o sujeito também passa por transformações, pois o capitalismo torna verdadeiramente supérfluo o próprio trabalhador que passa a conviver com uma eminente e terrível ameaça de desemprego (Lustoza, 2009); o capitalismo ao investir o sujeito de valor, valor de troca, parece dessubjetivá-lo, ficando o valor, o capital, como sujeito.

Na contemporaneidade, os sujeitos fazem parte de uma generalização, e conseqüentemente estão sendo esvaziados em suas diferentes histórias, e em troca, adquirindo uma identidade de vítima, em que pese o fato de serem todos vítimas em potencial, passíveis de desenvolverem os mesmos sintomas diante do evento estressor. Antes o foco estava no sujeito, mas unicamente no uso que este poderia fazer do traumatismo e não propriamente para positivar uma narrativa singular a respeito do ocorrido. Atualmente, o peso recai sobre o acontecimento, constando o sujeito como acessório ao qual é reservado, de saída, o estatuto de vítima (Canavêz, 2015).

Deste modo, é possível considerar que o mundo contemporâneo é emblemático, pois envolve múltiplas causas que podem resvalar direta e indiretamente no caráter formador do trauma no indivíduo. Partindo desse pressuposto, é irrealizável divorciar o sujeito do seu contexto neoliberal, pois as conseqüências do mundo contemporâneo como catástrofes, pandemias, crises e guerras exercem influências devastadoras singulares em cada indivíduo. Isso posto, este trabalho, filiado à perspectiva da análise do discurso de orientação psicanalítica e através de uma pesquisa bibliográfica, propõe-se a analisar os materiais selecionados com base em questões centrais que levaram à escrita do presente artigo e que contornaram toda a pesquisa, como: Quais os conceitos de trauma presente no universo da psicanálise? Quais repercussões desse trauma no sofrimento e história de vida do sujeito? Na contemporaneidade, houve mudanças na produção psicanalítica? Quais suas complicações no cenário atual? Nesta pesquisa, não temos a pretensão de abarcar completamente toda a problemática presente relacionada ao trauma na psicanálise, pois em um processo de análise do discurso na perspectiva psicanalítica, à qual esse trabalho está filiado, há o gesto de recorte do material a partir das questões levantadas. Portanto, o trauma na psicanálise não será esgotado nesta pesquisa, mas o recorte proposto incide na compreensão do sujeito através das modalidades de sofrimento psíquico nele simbolizadas e expressas.

2. Metodologia

O presente artigo propõe-se a utilizar a análise do discurso de orientação psicanalítica para o estudo dos artigos que trabalham com a noção de trauma. Deste modo, após a busca na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), foi realizado um exame atento dos artigos localizados, posteriormente complementado com outras referências bibliográficas, tais como livros, revistas, jornais, teses, dissertações, anais de eventos científicos, sob o referencial da análise do discurso francesa, na conjunção entre a psicanálise e o materialismo histórico, tendo como seus expoentes Michel Pêcheux e Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi. Sem perder de vista o eixo principal da pesquisa em examinar o trauma psíquico na psicanálise, sua repercussão no sofrimento e na

história de vida do sujeito, o artigo, de modo sucinto, busca captar o sujeito nas relações concretas que delimitam sua existência no tempo histórico e na posição subjetiva a partir da qual se inscreve seu desejo a partir do inconsciente.

Foram as diversas maneiras de significar que deu origem à Análise do Discurso nos anos 60 do século XX, sendo herdeira de três conhecimentos que produziram rupturas no século XIX: a psicanálise, o marxismo e a linguística. No entanto, buscando transformar a prática das Ciências Sociais, questiona a linguística por ignorar a historicidade, o materialismo por deixar de lado o simbólico e trabalha a ideologia relacionada com o inconsciente da psicanálise, tendo como objeto central de estudo, o Discurso (Orlandi, 2015).

Por conseguinte, temos a Análise do Discurso Francesa fazendo interface com esses três saberes e por outro lado a psicanálise com seu método de investigação, em que, segundo Dunker et al. (2016), Freud em sua trajetória não trabalhou a psicanálise apenas como um método de tratamento, mas também como um método de investigação; nesse segundo ponto havendo clara relação com a análise do discurso. Portanto, segundo os pesquisadores, persiste uma prática de análise do discurso contida no método psicanalítico, por questões da própria experiência psicanalítica em trabalhar com as narrativas de sofrimento de maneira não neutra. Destarte, este artigo parte do pressuposto que a psicanálise é também uma forma de análise do discurso, empregando noções das ciências da linguagem (Dunker et al., 2016).

O discurso, como objeto central dessa metodologia, é compreendido nesta pesquisa como não fugindo da sua etimologia, de ideia de movimento; o discurso é efeito de sentidos entre locutores, uma mediação entre o homem e a realidade natural e social. O discurso não é fala, pois não é oposição da língua, mas a língua em si possibilita o discurso, não havendo uma separação estável entre os dois. Na análise do discurso, a língua não é compreendida enquanto um sistema abstrato, mas como a língua no mundo, com maneiras de significar, considerando a produção de sentidos. Sendo assim, só é possível compreender o discurso se não se opor ao social e histórico (Orlandi, 2015).

Então, podemos verificar que o discurso como efeito de sentidos entre locutores, é um objeto social e histórico, não sendo possível separar a estrutura do acontecimento e, assim, as pessoas são filiadas a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos intermediários entre a ideologia e o inconsciente. Em seu livro “O Discurso”, Pêcheux (1983) busca descrever a relação entre descrição e interpretação, o acontecimento e a estrutura. As palavras não têm um sentido ligado à sua literalidade, ela existe nas relações transferenciais acontecendo nas formações discursivas, que são seu lugar histórico provisório. Pêcheux propôs um trabalho entre sujeito, língua e história. No próprio processo de acontecimentos, a memória está em jogo, dito de outra forma, a possibilidade de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, dando origens a significações (Orlandi, 2005).

Nesta pesquisa a seleção dos materiais se deu por meio de aproximação com as questões que a nortearam: o objeto discursivo “trauma”, considerado nas subjetivações contemporâneas, tendo em vista o aprofundamento das políticas neoliberais. Como percurso de análise, o desígnio da pesquisa foi investigar quais os elementos estruturantes do trauma e os seus desdobramentos teórico-conceituais na produção psicanalítica aqui levantada. Posteriormente, na discussão que se segue, foram apreciados os processos de produção da linguagem, levando em consideração o sujeito na sua história, relacionando a linguagem à sua exterioridade e articulando o campo da ciência social e da linguística. Em termos práticos, o foco foi tentar identificar processos discursivos em torno do objeto do trauma.

3. Resultados e Discussão

A discussão será articulada com base na montagem do dispositivo analítico discursivo, partindo da materialidade linguística de orientação psicanalítica como ponto de observação primordial dos processos discursivos e dos gestos de leitura flutuante, pois a análise do discurso possui dispositivos teórico-analíticos que possibilitam um novo modo de leitura dos documentos. Destaco ainda que nesses materiais não há uma fonte única para a produção dos dizeres sobre esse corpo

delimitado, pois mesmo os textos sendo em sua origem psicanalíticos, cada um parte de um referencial teórico e um interdiscurso diferente.

Foram reunidos materiais que apresentavam a variação da noção de trauma na psicanálise e, posteriormente, analisados artigos que abordavam a relação do trauma com os fatores externos e as implicações na produção de novas perspectivas de tratamento. Dito isso, pode-se agora adentrar com mais detalhe nas categorias levantadas a partir das análises dos 17 artigos selecionados.

Mutações conceituais

É imprescindível iniciar a discussão tendo como base o trajeto que o conceito trauma teve em seus anos na psicanálise, pois é fundamental essa compreensão para futuramente nos debruçarmos nos outros aspectos que circundam a teorização do traumático. Com efeito, o que direcionará as análises futuras e as formações discursivas é a definição de trauma empregada pelos teóricos da psicanálise. Vale ressaltar que ao analisar os materiais selecionados é possível perceber-se um movimento introdutório muito similar. Questões iniciais circundam a escrita deste material, como: teria Freud, assim como outros conceitos trabalhados por ele, alterado sua concepção de trauma no decorrer de seu trabalho clínico? Como aconteceu essa transformação? Por que compreender o trauma e suas mudanças teórico-conceituais? São questões-chave que impulsionaram e estão presentes em todo o percurso da pesquisa.

Assim procuramos, no *corpus*, analisar todos os enunciados que buscavam descrever e compreender esse percurso trilhado por Freud e seus sucessores. Posteriormente, partindo de uma análise mais minuciosa, percebemos as variações da teoria do traumático na teoria psicanalítica nos relatos que se seguem.

Alguns artigos trouxeram grandes contribuições em relação a mutações conceituais em Freud. Segundo esses autores, há duas visões de trauma em Freud, a saber, de temporalidade, nos estudos sobre a histeria, e posteriormente numa perspectiva econômica, em resposta aos traumas de guerra. Em 1892, Freud descreve trauma como uma não reação contra uma representação que desperta afeto; em outras palavras, a imobilização do sujeito frente a determinadas cargas afetivas, pois na ausência de resposta, de não reação, o afeto permanece conectado à memória. Porém Freud, ao não se contentar apenas com essa formulação, afirma que o trauma também é uma experiência de ordem sexual infantil, que ocorria antes da maturidade sexual, para o qual deu o nome de sedução traumática. Em 1896, Freud estabelece uma espécie de temporalidade, em que o primeiro momento é o conflito (o trauma real), depois a defesa ou a repressão pela impossibilidade de ser conectado às cadeias associativas, posteriormente o período de latência, ou seja, de aparente saúde, e por fim o aparecimento dos sintomas (o trauma psíquico), a saber, o retorno desfigurado do recaiado. Somente na segunda experiência de maneira associativa à primeira, despertaria-se uma marca antiga, na qual surgiria o traumático e suas consequências neuróticas. Vale ressaltar que ainda nesse período de elaboração da teoria, Freud acreditava em uma predisposição hereditária especial para o surgimento de um determinado conflito (Palma & Costa, 2015; Sanfelippo, 2014; Schestatsky, 2014; André, 2013).

Em 1897, Freud descobre que as histéricas mentiam e faz sua famosa declaração na carta 69: “Não acredito mais em minha neurótica”; com o fracasso nos tratamentos e devido às limitações da teoria da sedução, a realidade psíquica entra em cena e as fantasias passam a ter papel relevante no traumático, como marco para a constituição da psicanálise. Deste modo, as fantasias inconscientes e a sexualidade infantil precoce começaram a ter função mais importante do que o mundo externo na constituição da neurose (Ribas et al., 2016; França, 2015; Schestatsky, 2014).

Os autores Sanfelippo (2014), Cardoso (2018), Gomes e Neves (2016) e Palma e Costa (2015), trazem em seus relatos que entre 1910-1920, após a teoria da sedução ter sido deixada de lado, Freud retoma o conceito de trauma na segunda tópica, e o interpreta numa perspectiva econômica, como um excesso pulsional não ligado que ultrapassa os limites (escudo protetor)

do aparelho mental. Assim, o trauma perturba a função do aparelho psíquico que tem como finalidade a manutenção do nível homeostático, evitando o desprazer, isto é, rebaixamento das tensões oriundas de estímulos internos e externos.

Schestsatsky (2014) também defende que há uma definição no sentido econômico de trauma que perdurou nos compêndios de psicanálise posteriores, e com o qual Laplanche e Pontalis aparentam concordar, e que está posto no texto freudiano de 1917 “A fixação no trauma, o inconsciente”:

“Chamamos assim uma vivência que, em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível da forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no funcionamento da energia” (p. 367).

Em linhas gerais, há um acontecimento surpreendente, de grande intensidade, que por não conseguir se integrar retorna de modo intermitente e repetindo os mesmos destinos da cena traumática. Segundo os pesquisadores Marcos & Alessandro (2012), Freud em 1919, ao escrever seu texto sobre “a psicanálise das neuroses de guerra”, afirma-nos que todo sujeito seria um traumatizado original e teria uma neurose traumática elementar. No texto, *Além do princípio do prazer*, Freud (1920) aproximou a neurose traumática e a melancolia, apresentando o funcionamento do trauma como um caos pulsional presente no id, que exige constantemente uma pressão de trabalho no aparelho psíquico, um trabalho de ligação (Castro & Rudge, 2012; Moreno & Junior, 2012).

Segundo Moreno e Junior (2012), o traumático deveria ser compreendido em sua negatividade, ausente das tópicas e das dinâmicas psíquicas, na perda dos recursos do ego. Essa desorganização brutal não levaria a uma percepção, mas à ausência de sentido e impossibilidade do ego de representá-lo para si. Essa desconexão com a percepção, a suspensão da atividade psíquica e ausência das tópicas leva a uma amnésia traumática, pois, segundo a teoria ferenciana, toda impressão mecânica e sensível será aceita sem resistência, mas sem nenhum traço mnêmico. Assim sendo, está ausente o processo de diferenciação no psiquismo, que indica a psicose ou os limites da neurose como possibilidade de sobrevivência. Os autores, em seus trabalhos, trazem essencialmente à luz da teoria psicanalítica um conceito distinto da neurose traumática que correspondia ao trabalho de ligação.

Mesmo diante dos avanços e as concepções atuais sobre a teoria psicanalítica do traumático, podemos fazer um contraponto com a pesquisa que analisamos detalhadamente de Castro e Rudge (2012), no qual os autores nos apresentam suas observações em relação à manifestação da neurose traumática clássica em um ambulatório de psicologia de um batalhão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). Estavam presentes, em seus pacientes, sintomas frequentes, como sonhos de angústias, retração da libido, desinvestimento dos objetos do mundo externo, hiperinvestimento do eu, isolamento social e ferida narcísica. Mas mesmo com essas manifestações tradicionais, os autores supracitados concordam que é necessário ir além da concepção do trauma como susto, um excesso pulsional, ou seja, pensar numa perspectiva dinâmica, não ignorando, por exemplo, a introdução do supereu. Uma vez que se sabe que os aspectos depressivos e vivências paranoides são decorrentes da exacerbação do supereu, seu funcionamento pode ser tirânico, o qual se alimenta da pulsão de morte, levando o sujeito ao gozo via repetição; faz o eu de vítima, produzindo uma fratura no eu e comprometendo até sua saúde mental (Castro & Rudge, 2012).

Neste primeiro momento, buscou-se acompanhar um percurso do trauma na psicanálise, para depois então compreender como esses conceitos psicanalíticos reverberam atualmente. Na leitura de todo o material, procurou-se apresentar como o discurso se dá por meio de uma materialidade; como os elementos, língua, sujeito, discurso, não são causas exclusivas de si, não são transparentes e se constituem por múltiplas determinações. E como saliente Orlandi (2015), nenhum enunciado é origem de si mesmo, sem outros que o precederam e ofereceram sentidos e objetos possíveis; as palavras não são somente nossas, o dizer não é propriedade particular, pois elas significam pela história e pela língua. Por isso, ainda hoje vemos ecoar a teoria freudiana nos conceitos atuais sobre a psicanálise.

Não diferente, Dunker et al., (2016) ao definir o sujeito em psicanálise dizem-nos que:

“Para Lacan, o sujeito é um efeito do discurso, e não o seu autor e agente, porque esse lugar da enunciação, segundo a hipótese do inconsciente, é parcialmente insabido para o próprio falante. Em outras palavras, o eu acredita-se senhor, diretor e autor de sua fala, mas é mais seguramente um personagem que está alienado de sua própria condição de personagem” (p.127).

Portanto, quando se trata da percepção do trauma pela teoria psicanalítica, arrisca-se dizer que não há um consenso, por estar presente uma heterogeneidade dos sentidos empregados ao trauma, pois estamos diante de uma prática plural com diversas concepções do que é um sujeito afetado em sua dinâmica psíquica; ainda assim, sabemos, a partir da análise do discurso, como o já-dito afeta a maneira como o sujeito significa em suas situações discursivas, sendo possível aferir que o significante trauma no meio psicanalítico está inserido em um intradiscurso maior, ou seja, como algo pensado antes, em outro lugar, imerso na própria teoria. Não sendo, dessa maneira, possível identificar uma única discursividade que descreva a concepção de trauma na teoria psicanalítica.

Subjetividades mais permeáveis ao trauma

Buscamos compreender os efeitos de sentido a partir da noção de trauma que circundam os artigos analisados e um tema, talvez não o mais presente e mais explícito, mas que de alguma forma se presentifica nessa pesquisa é o caráter subjetivo contemporâneo dos sujeitos e o quanto o efeito do neoliberalismo dominante produz sujeitos ainda mais traumatizados. Rosa (2018), em seu livro “A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento”, ao descrever como a política está imbricada ao sofrimento, nos diz:

“O sujeito não é o indivíduo justamente no ponto em que o singular de seu desejo escapa de uma conjuntura que busca determiná-lo e exercer seu poder no escuro das relações. Nesse ponto do laço social comparece a política que rege as relações sociais e em contraponto a ética e política da psicanálise” (p.22).

Assim, a partir da análise dos materiais, aprende-se com o trabalho produzido por Marcos e Alessandro (2012), que na contemporaneidade somos filhos do trauma, pertencemos a uma generalização do trauma, ou seja, cada vez mais presente em nossas vidas. Esse momento é constantemente marcado por atentados, violência, catástrofes, alta taxa de mortalidade, sobretudo o novo plano da clínica é assinalado por essa insegurança social. Belaga (2004, citado por Marcos e Alessandro, 2012) ao abordar a mesma temática afirma que há uma clara distinção entre o trauma-processo e o trauma-acontecimento que nos permite compreender melhor o traumático na contemporaneidade. O primeiro seria o trauma constitutivo do sujeito anterior a qualquer acontecimento, homólogo à estrutura, enquanto que o segundo seria o resultado dos eventos acidentais, tais como aparecimento de doença, acidentes e perdas. De fato, é possível perceber que, a partir de uma leitura ferencziana, o trauma pode ser de caráter psicopatológico ou estruturante, sendo seu destino dependente da intensidade, capacidade narcísica e egoica de cada indivíduo (Martins & Rabêlo, 2020; Vieira & Zorning, 2015).

Segundo Canavêz (2015), a partir da sua pesquisa, nota-se que a figura do trauma não mudou desde a concepção freudiana; mas corroborando a ideia supracitada, referente à leitura em relação à vítima, talvez se tenha mudanças significativas na presente discussão. Para o autor, a alteração expressiva é o deslocamento de uma dúvida da autenticidade do sofrimento do sujeito, como na primeira guerra mundial se duvidavam dos neuróticos de guerra, para outra em que o fato em si já é o suficiente para legitimar-se como traumático; em outras palavras, a saída da incerteza na época de Freud, para um momento atual em que o acontecimento em si é o suficiente para conferir legitimidade ao fenômeno. A autora em seu artigo faz uma distinção entre trauma e traumatismo; enquanto o primeiro é visto como uma relação entre acontecimento, o sujeito e o ambiente circundante, sendo assim um registro singular, o segundo é um fato incontestável, uma construção social, um acontecimento que tem potencial de subverter uma ordem estabelecida; como exemplo, tem-se o acidente com o voo 447 da Air France, ocorrido em maio de 2009, em que o evento provocou grande mobilização social. Uma marca que corrobora essa

mudança é o trabalho do DSM III, que serviu para a eliminação dessa subjetividade em relação ao estresse pós-traumático, em que foi se esvaziando o sujeito de suas histórias e singularidades, e colocando todos em condição de vítima.

No entanto, Marcos e Alessandro (2012) fazem algumas ressalvas ao afirmarem que tanto a causalidade como a resposta não são padrões, antes são experienciadas de acordo com cada indivíduo e sua vida psíquica. A causalidade, segundo os autores, não é uma teoria geral na psicanálise, pois há um espaço entre a revelação e a mudança do sujeito. Destarte, os acidentes têm seu papel de importância, mas não são determinantes, pois há algo que já está dado, que funciona como dado. Ademais, sabemos a partir de Lacan, que o furo do traumático está presente no real, atravessando a estrutura e provocando reorganizações, e a linguagem se organiza simbólica e originariamente em torno de um buraco, tendo assim um caráter particular referente às respostas do trauma. Pois todo encontro com o real é particular, o sujeito pode até não significar inicialmente o acontecimento como traumático, e depois poderá vir a fazê-lo por diferentes causas.

Cardoso (2018) considera que no estado limite não há possibilidade de elaboração, o sujeito fica congelado no tempo do traumático, por conta da sua miséria simbólica. Nesse estado clínico, de acordo com o autor, o ego do sujeito convoca, como última defesa, recursos extremos de sobrevivência; o corpo somático ou a via do ato, o corpo em sua defesa motora. No entanto, a autora afirma que a noção de estado limite está circunscrita apenas no campo do registro individual, mas sua compreensão pode levar a uma experiência coletiva se levarmos em conta a subjetividade humana, as formações culturais e o estabelecimento de laços sociais.

Apesar de Freud em 1920 no seu texto “Além do princípio do prazer”, falar de uma predisposição para o trauma, Canavêz e Herzog (2012) percebem em seu percurso de pesquisa que diversos autores na atualidade vão além, e comentam em seus trabalhos sobre a maior suscetibilidade ao trauma na contemporaneidade. Devido ao mal-estar contemporâneo, um dos desafios atuais da psicanálise, de acordo com os pesquisadores, é repensar os dispositivos clínicos aventados por Freud. Assim como Freud, que atualizava constantemente sua técnica, seus diagnósticos, precisamos também ir além da lógica dicotômica, permitindo pensar a elaboração que extrapola o campo da representação e da linguagem em suas dimensões formalistas; por exemplo, Ferenczi, em sua técnica, buscava contemplar as resistências que ultrapassavam a esfera do Eu, descrita por Freud. No traumático, a literalidade é privilegiada em relação às construções como metáfora, palavras carregadas de afeto que inviabilizam o discurso e conseqüentemente o dispositivo clássico da psicanálise, a interpretação. Portanto, o lugar do analista, segundo uma leitura dos pesquisadores, precisa ser revisto, dando mais espaço para a ligação perdida por conta da cisão do sujeito, adotando uma postura de confiança que falta no indivíduo, sem se preocupar em interpretações analíticas que possam contribuir com o apagamento das diferenças entre línguas, antes, buscar uma complementaridade (Canavêz & Herzog, 2012).

É fundamental a compreensão de que o processo de subjetivação não está alheio ao campo social que o inscreve; assim, no sujeito pós-moderno é notória a ausência de tempo para gestar a construção de representações, sujeito sem tempo para sentir e cuidar do que se sente (Gomes & Nevez, 2016). Segundo um provérbio árabe, “os homens se parecem mais com seu tempo do que com seus pais”.

Portanto, utilizando-se da tese dos autores supracitados e das demais leituras dos materiais selecionados, percebe-se que é imprescindível uma leitura do processo de subjetivação atual, pois estamos em um curso de subjetivação “além do mal-estar”, marcado por aquilo que Freud demarcou, em 1930, como um excesso de processos culturais sobre os indivíduos. Mas, antes de ser uma restrição à felicidade para alcançar a civilização, a cultura contemporânea produz um direito à felicidade, uma perspectiva narcísica de caráter ilimitado, e com isso um alto desconhecimento de seu sofrimento, de sua dor psíquica. Como resultado avançamos, ou melhor, regredimos, para um indivíduo isolado e ao mesmo tempo pertencente a uma massa hipnotizada. Resumidamente, há um projeto em curso, do culto narcísico do corpo e uma denegação do mal-estar; conseqüentemente, estamos diante de auto excitação permanente desencadeada por elementos internos não traduzíveis, ou seja,

marcas traumáticas que não se tornaram lembranças, e com essa miséria simbólica, pode ocorrer o retorno do traumático no indivíduo (Junior & Henderson, 2021; Cardoso, 2018; Levy, 2010).

Assim, verificamos, nos materiais analisados, marcas discursivas que levam a crer que atualmente estamos mais suscetíveis ao trauma (Gomes & Nevez, 2016; Canavêz, 2015), pois, partindo do pressuposto que não seja possível fazer qualquer reflexão sobre a subjetividade contemporânea desvinculada do campo social, o contexto contemporâneo neoliberal exige uma felicidade ininterrupta (Cardoso, 2018; Dardot & Laval, 2016; Levy, 2010), tempos cada vez mais escassos, conseqüentemente, provocando um esvaziamento dos sujeitos em relação às suas próprias histórias e impossibilitado de sentir e cuidar de si (Gomes & Nevez, 2016).

Importância dos fatores externos na constituição psíquica

A partir dos materiais apreende-se no decorrer das leituras, certa frequência estabelecida nos discursos em relação à importância da realidade externa e o trauma; e com isso, surgiram algumas questões importantes, uma vez que Freud não se deteve mais longamente na análise desta relação. Mesmo que o pai da psicanálise tenha se debruçado em conceitos como neuroses de guerra, sua obra é centrada no psíquico e como conciliar os fatores externos e suas conseqüências sociais?

Na tentativa de compreender a forma como os artigos concebem o trauma, e em que medida ele está relacionado à realidade externa, assim como os núcleos anteriores, foi feita uma nova análise em todos os materiais selecionados, a fim de encontrar quais traziam as ocorrências de trauma remetidas à realidade externa. Posteriormente foi proposto analisar com profundidade os sentidos atribuídos à expressão “realidade externa”, e abaixo, são apresentados alguns enunciados agrupados de acordo com este percurso metodológico.

O significante “trauma” parece estar materializado majoritariamente nos artigos apenas quando é descrito como causa psíquica; os autores, em sua maioria, não se sabe se propositalmente, ausentam-se em relação aos fatores externos por considerar preponderante o psíquico e o social ser uma variável independente. No entanto, percebe-se um segundo movimento protagonizado por alguns outros autores, que é o de discutir a realidade externa em relação ao fenômeno traumático, como por exemplo os trabalhos de Ribas et al., (2016), que perceberam nas últimas décadas que os discursos, sentidos e práticas em torno do sujeito, que passa por uma experiência traumática, está em transformação. Eles descrevem que Freud em 1895, no seu trabalho “Projeto para uma psicologia científica”, salientou sucintamente a importância do outro e dos estímulos provindos do ambiente no desenvolvimento psíquico; mas é em Winnicott (1936), em seu trabalho “Privação e delinquência”, que se reforça a importância da realidade externa, sendo que os excessos advindos do ambiente e as falhas maternas deixam marcas na organização psíquica do indivíduo.

Como exemplo chave para a compreensão desta problemática, os pesquisadores Ribas et al. (2016) apresentam a análise do caso de Marta, a qual foi marcada indelevelmente por excesso real de abandono, maus-tratos, abuso e exploração; percebem que o papel de figura cuidadora é falho e ausente na história da paciente, e conseqüentemente no decorrer das análises notaram que há certa ausência de apropriação de seu corpo, não reconhecimento de suas sensações e reações, desconexão de afeto e obliteração da sua própria subjetivação.

França (2015) ratifica o que aqui foi exposto, ao descrever em sua pesquisa que o desafio atual da psicanálise é reconhecer os efeitos da realidade externa sobre a realidade psíquica, nossa identidade e nosso pensamento. Ela percebeu em seu percurso que nos últimos dez anos as demandas de enurese, encoprese, dificuldades alimentares desapareceram, pois atualmente as clínicas estão tomadas pela violência social. A pesquisadora, partindo de dois casos atendidos sobre violência, o primeiro de uma criança de 3 anos que viu seu pai atear fogo em sua mãe, e a segunda de 4 anos que testemunhou sua mãe, que estava drogada, agredir sua irmã até levá-la ao óbito, descortinou o destino do traumatismo, como se enclausura sem qualquer

ligação com outras representações, e também a importância do campo social na psicanálise, como por exemplo, as necessidades atendidas da criança para a integridade do seu self.

O psicanalista Schestatsky (2014), como marca da sua pesquisa, retoma a importância do fator externo, e descreve em seu texto que por muitos anos a associação entre violência e sofrimento psíquico foi negada universalmente, em particular, pela medicina, psiquiatria e psicanálise. Em geral, a teoria psicanalítica excluiu os efeitos do trauma real, minimizando a realidade objetiva, pois se baseava no enunciado freudiano, em que seria impossível a distinção entre eventos verdadeiros e ficções imaginárias. No entanto, segundo o autor, o fato da realidade nem sempre se distinguir, não elimina a qualidade do seu impacto.

De acordo com Moreno e Junior (2012), a partir de 1928, Ferenczi já havia considerado o papel do objeto como determinante para o destino traumático de um acontecimento. Se o objeto não se adaptasse às necessidades do sujeito, poderia interromper o processo de introjeção e inscrição psíquica. Portanto, as consequências do trauma estariam diretamente relacionadas ao tipo de eventos violentos, duração, intensidade e suas circunstâncias. Inclusive nas pesquisas realizadas por Schestatsky (2014), mostra-se que a presença de violência na infância pode desencadear maior vulnerabilidade para o desenvolvimento de diversas psicopatologias. Para o autor, coube a Sandor Ferenczi inaugurar a concepção relacional e interpessoal do trauma no trabalho de 1933, intitulado “Confusão de línguas entre adultos e crianças”, no qual descreve os efeitos do trauma externo relacional, e identifica um dos principais mecanismos de defesa para enfrentá-lo, como a identificação com o agressor, introjetando a pessoa que a ameaça (Schestatsky, 2014).

As pesquisadoras Vieira e Zorning (2015), também com esse olhar ao ambiente externo, descrevem a partir de um trabalho realizado em uma ONG, Casa da Árvore, que as crianças residentes da favela do Rio de Janeiro, apesar do desamparo social e muita violência, elas possuem recursos simbólicos e de elaboração devido às “funções antitraumáticas” presentes nas comunidades. Funções essas que derivam das relações de cuidados construídas nesses ambientes entre os próprios moradores, que acabam funcionando como uma extensão dos cuidados originais necessários à criança, podendo levar a um amadurecimento precoce.

No decorrer desta pesquisa percebemos que não é unânime a presença da realidade externa nos artigos estudados. No entanto, como o trabalho tem o propósito primordial de levantar questões e não estabelecer necessariamente respostas, pretendemos aqui trazer enunciações que tem em seu funcionamento contradições com outros discursos mais predominantes. Em geral, a teoria psicanalítica, em certa medida, se desenvolveu em relação à dimensão social, sendo importante continuar a investigações para se compreender os efeitos do trauma real e dos acontecimentos. Percebe-se um movimento nos materiais selecionados na direção do enunciado freudiano e de concepções mais tradicionais, que impossibilitavam distinguir entre eventos verdadeiros e fantasias na trajetória do sujeito.

Novas perspectivas para a clínica

No decorrer da pesquisa, percebemos que alguns artigos trabalham, a partir da concepção própria do trauma, possíveis formas de tratamento em relação a ele, e considerando que algumas das perguntas iniciais da pesquisa resvalam indiretamente sobre esse ponto, no conjunto da análise aqui empreendida. Verificou-se, assim, a necessidade de pensar esse lugar e colher outras marcas presentes na materialidade discursiva que direcionasse à prática clínica. Buscou-se compreender como os enunciados a partir do objeto “trauma” se relacionavam com aspectos de seu cuidado e tratamento.

Nessa direção, o trabalho de Castro e Rudge (2012) descreve claramente que o sujeito em análise é incitado a elaborar o que ficou de fora da cadeia de significantes, similar a um signo isolado que insiste em voltar causando angústia, uma vez que nesse encontro com o real traumático a fantasia está estilhaçada, e o amor de transferência pode ajudar na reconstrução dessa experiência. Os pesquisadores apresentam como possibilidade de cuidado que o analista deverá possibilitar meios para que

surjam no paciente as palavras que possam preencher as lacunas do que antes era indizível. Em uma outra possível solução, talvez um pouco fora dos parâmetros da psicanálise tradicional, a Koltai (2016) descreve em seu artigo que para sobreviver a uma situação extrema sem perder sua humanidade constitutiva, é a relação de amizade que pode colaborar para manter o fio da vida, relações que se tecem entre aqueles que estão submetidos ao mesmo destino.

Outro trabalho bastante notório é o de Ratti e Estevão (2016), que ao analisar a morte da filha de Cissa Guimarães concebe que no encontro imprevisto com o real, o sujeito perde as referências, deixa de pensar, não consegue agir e tomar decisões, o que pode levar a um colapso imaginário, uma queda narcísica; portanto, o psicanalista deve compreender que é comum o sujeito ser tomado por grande angústia, estar dividido, fraturado, marcado pela falta de objeto (privação, frustração e castração), e ter suas construções simbólicas desmontadas. Os autores continuam dizendo que nesse corte do sujeito, ele está em suspensão, sem conseguir digerir a realidade, perdendo sua conexão com o mundo; sendo assim, o primeiro passo do psicanalista é fazer uma conexão com sua presença, suportar o lugar de escuta e como para-raios direcionar o gozo (Ratti & Estevão, 2016)

Laplanche, psicanalista francês, em sua teoria pensa o início do psiquismo a partir do que chama de sedução originária, a saber, o encontro da criança com o adulto, no qual se vê invadida por excesso advindo do inconsciente do adulto. Nessa relação assimétrica, e na inadequação da criança em processar inteiramente tudo que chega, as mensagens se tornam traumáticas. Essas mensagens não traduzidas são recalçadas, e dão corpo ao inconsciente. Portanto, Laplanche apresenta como possibilidade de cuidado, que uma via de tradução dessas mensagens é pelo testemunho, ou seja, pela narrativa se chega ao processo de ligação e simbolização (Ferreira & Neto, 2017; Laplanche, 1992).

Assim, podemos observar que o trabalho de França (2015), tem como guia a teoria supracitada, pois nos diz que a função do psicanalista seria a de autorizar o acesso a outras formas de simbolização e de significação para que possa desatar as simbolizações que não puderam ser inseridas nas cadeias psíquicas; e a melhor forma para se operar nas representações é através da linguagem, por meio da interpretação. Também com base em Laplanche, André (2013) descreve a psicanálise como cena de sedução, repetindo a dissimetria originária, pois em uma análise nunca haverá lugar entre indivíduos que se compreendam. Porém mesmo que isso esteja como pano de fundo, o a posteriori e o acontecimento real dão lugar à metamorfose.

O evento traumático rompe com a possibilidade do sujeito de historicizar, acarreta em desconhecimento próprio de si, e como apresentaram Tomasi e Macedo (2016), no caso de Marta, acarreta solidão e silêncio. E o profissional, portanto, deve possibilitar a escuta como ferramenta de atribuição de sentido à experiência de excesso, fazendo dela a protagonista de sua própria história. O trabalho analítico oferece ao mesmo tempo, “a construção das condições de atribuição de nexos e sentidos para um psiquismo carente de representações” (Ribas et al., 2016). Segundo as pesquisadoras Canavêz e Herzog (2012), na esteira da leitura de Benjamin, o psicanalista não deveria ser um intérprete da linguagem das resistências, utilizando uma postura de suspeita, mas antes de confiança, sendo um legítimo tradutor, proporcionando um espaço em que diferentes linguagens possam ser expressas, sem que em uma tradução pudesse escamotear as diferenças existentes.

Uma última pesquisa, que corrobora o que já foi exposto, envolve um estudo feito com profissionais que realizaram um trabalho no pós-desastre da boate Kiss em 2013, em Santa Maria no Rio Grande do Sul, em que os autores Costa et al., (2016) esclarecem os principais sintomas dos pacientes, e as técnicas imprescindíveis para um cuidado imediato dos profissionais de saúde. Segundo os pesquisadores, era comum a presença de alteração do sono, uso de drogas, sensação de paralisção, repetição, hipervigilância, reações fóbicas, entre outros. Diante disso, a escuta psicanalítica possibilitou a quebra do silêncio que aprisiona o sujeito frente ao traumático, favoreceu a reconstrução e reintegração do discurso, um sentido para as representações, tradução para o horror frente à morte e ressignificação. Pois o acompanhamento psicanalítico

majoritariamente consegue ajudar a recriar a vida cotidiana, ajuda a reconstruir as funções psíquicas, “[...] reparando os vazios provocados pela experiência traumática do desastre” (Costa et al., 2016).

A partir dos artigos analisados, percebemos o quanto é fundamental esse tema para o tratamento psicanalítico. Logo, esse trabalho precisava em algum momento tangenciar as possibilidades de cuidado frente ao sujeito traumatizado. Como resultado, compreendemos a importância da teoria de Laplanche, seu trabalho sobre a sedução originária e a tradução das mensagens traumáticas. Identificamos também que uma das marcas discursivas recorrentes ao tratamento é a compreensão de que mesmo com as singularidades de cada sujeito, o analista precisa se valer do lugar de escuta, oferecendo condições para possíveis sentidos e elaboração diante do traumático e do indizível.

4. Considerações Finais

No percurso da presente pesquisa, buscou-se inicialmente discutir uma breve teorização do que é a análise do discurso psicanalítica, bem como a definição dos materiais trabalhados e os recortes estabelecidos. É necessário deixar explícito de que como pano de fundo tivemos, como fio condutor, a estratégia de dar visibilidade e corpo aos efeitos de sentido que os funcionamentos específicos de cada material produziram, mas sem perder de vista as perguntas iniciais e outras que surgiram no decorrer da elaboração do trabalho.

Como contribuição para a pesquisa do traumático na psicanálise, podemos destacar que ao discutirmos a evolução histórica da concepção de trauma, percebemos que a amplitude da teoria psicanalítica não permite apresentar um conceito único e fechado do que seria a sua concepção. Além disso, atualmente estamos mais suscetíveis ao trauma, decorrente dos fatores externos, como acidentes, catástrofes, desigualdade social e também pela escassez de tempo que impossibilita o sujeito a se voltar para si e se cuidar.

A partir das investigações dos discursos presentes nos artigos, podemos constatar que ainda há necessidade de mais estudos em relação à dimensão social na psicanálise, estudos que correlacionem a cultura contemporânea, a realidade externa, com o aparelho psíquico e, conseqüentemente, assinalar a importância de pesquisas que busquem revisitar os dispositivos de tratamento disponíveis desde sua origem em Freud. Em relação ao tema que envolve o cuidado com sujeitos traumáticos percebemos, mesmo que ainda de forma incipiente, a relevância em o analista propiciar um lugar de escuta que possibilite condições favoráveis para a elaboração da experiência traumática.

Por fim, as categorias de análise indicam e sinalizam transformações importantes na subjetivação e na sociedade nas últimas décadas, revelando sujeitos mais frágeis em seus contornos psíquicos e uma sociedade cada vez mais empenhada no controle e no impacto mais profundo sobre os sujeitos. Talvez tenhamos nesta nova correlação de forças a chave para entender a fenomenologia do trauma na sociedade neoliberal.

Referências

- André, J. (2013). O a posteriori transferencial dos traumas do início da vida. *Revista Ágora*, 16(spe) 127-140.
- Barin, C. A. G., Pereira, G. T., Madeira, L. A., Leonardi, V., Rossini, Y. M., & Carlesso, J. P. P. (2020). Do trauma ao sintoma: um viés psicanalítico da franquia “IT - A Coisa”. *Research, Society and Development*, 9 (4). <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2768>
- Birman, J. (2007). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2011). Sujeito, Alienação e Desconhecimento. Sobre Lacan e o jovem Marx. *Revista Tempo Psicanalítico*, 43(2) 409-438.
- Canavêz, F., & Herzog, R. (2012). A linguagem das resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica. *Revista Ágora*, 15(2) 327-341.
- Canavêz, F. (2015). O trauma em tempos de vítimas. *Revista Ágora*, 18(1) 39-50.
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(4), 679-684. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000400017>

- Cardoso, M. R. (2018). Novo retorno do traumático na psicanálise hoje: Além do Mal-estar? *Revista Ágora*, 21(2) 149-157.
- Castro, S. L. S. & Rudge, A. M. (2012). Notas sobre a clínica do trauma. *Fracta: Revista de Psicologia*, 24(1) 81-94.
- Costa, A. M., Pacheco, M. L. L., & Perrone, C. M. (2016). Intervenções na emergência: a escuta psicanalítica pós-desastre na boate Kiss. *Revista Subjetividades*, 16(1) 156-167.
- Dunker, C. I. L.; Paulon, C. P. & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. Estação das letras e cores.
- Dardot, P. & Laval, C. (2016) *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.
- França, C. P. (2015). A psicanálise pode ajudar a deter a roda-vida da violência social? *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 234-247.
- Ferreira, M.Z., & Neto, G. A. R. M. (2017). Vivências de abuso sexual incestuoso: traduções possíveis. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2) 179-193.
- Freud, S. (2010). A fixação do trauma, o inconsciente. In S. Freud, *Conferências introdutórias à psicanálise*. 13364-381, Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Gomes, L. R. S., & Neves, A. S. (2016). A clínica de família: interrogações sobre o traumático, a dinâmica vincular e a violência como organizadores do grupo familiar. *Estilos Clin.*, 21(1) 152-169.
- Junior Souza, L. A., & Henderson, G. F. (2021). Testemunhos durante a pandemia: reflexões psicanalíticas sobre traumas, Estado, economia e morte. *Saúde e Sociedade* 30(3) 1-11. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200435>
- Koltai, C. (2016). Entre psicanálise e história: o testemunho. *Psicologia USP*, 27(1) 24-30. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6564D20150009>
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2016). *O Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1987/1992) *Novos fundamentos para a psicanálise*. Martins Fontes.
- Levy, G. (2010). *L'ivresse du pire*. Campagne Première.
- Lustoza, R. Z. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Revista Ágora*, 7(1) 41-52.
- Martins, K. P. H. & Rabêlo, F. C. (2020). A escrita da história e do luto nas catástrofes coletivas. *Estudos interdisciplinares em psicologia*, 11(3), 28-44.
- Marcos, C., & D'Alessandro, C. (2012). Figuras psíquicas do trauma: uma leitura lacianiana. *Revista aSEPHallus*, 8(15). http://www.isepol.com/asephallus/numero_15/artigo_02.html
- Moreno, M. M. A., & Junior, N. E. C. (2012). Trauma: o avesso da memória. *Revista Ágora*, 15(1) 47-61.
- Neves, T. I., Santos, A. S., & Mariz I. A. S. (2017). A Violência e o seu Real: Zizek e a Psicanálise. *Revista Subjetividade*, 17(1) 45-54.
- Orlandi, E. P. (2005). Michel Pêcheux e a Análise de discurso. *Estudo da Língua(gem)*, 1 (1) 9-13.
- Orlandi, E. P. (2015). *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Pontes editores.
- Palma, R. J. A. P., & Costa, A. M. M. (2015). Considerações sobre a relação entre trauma, pulsão e fantasia na estrutura da neurose. *Revista Ágora*, 18(2) 195-209.
- Pêcheux, M. (1975) *Semântica e discurso*. Pontes editores.
- Pêcheux, M. (1980). Abertura do colóquio. In: Conein, B., Courtine, J., Gadet, F., Marandini, M. J., Pêcheux, M (Orgs.), *Materialismo discursivo* (pp. 23-29). Campinas: Editora Unicamp.
- Pêcheux, M. (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Pontes editores.
- Ratti, F. C., & Estevão, I. R. (2016) Violência, Acidente e Trauma: A clínica psicanalítica frente ao real da urgência e da emergência. *Revista Ágora*, 19(3) 605-619.
- Ribas, R. F., Tomasi, L. O., & Macedo, M. M. K. (2016) Dimensões do excesso e de realidade: reflexões com base em uma experiência de escuta. *Psicologia em Revista*, 22(2) 428-446.
- Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp.
- Safatle, V. (2017). *Introdução a Jacques Lacan*. Autêntica.
- Sagna, P. L. (2015). Os mal-entendidos do trauma. *Revista Opção Lacaniana*, 6(16) 1-18. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero16/texto3.html>
- Sanfelippo, L.C (2013) Dos conceptualizaciones del trauma en la obra de Sigmund Freud. *Revista universitaria de psicoanálisis*, 13 33-50.
- Santoro, V. C. (2014). O que da verdade se pode dizer sobre o trauma? *Revista Reverso*, 36(68) 83-90.
- Schestatsky, S. S. (2014). Violência na infância, trauma e vulnerabilidade à psicopatologia. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 21(2) 277-303.
- Torezan, Z. C. F., & Aguiar, F. (2011). O Sujeito da Psicanálise: Particularidades na Contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 11(2) 525-554.
- Vieira, A. C. D., & Zorning, S. M. A. (2015). Ambiente violento, infância perdida? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(1) 88-101.